

7. OS ADAGIÁRIOS

Maria Teresa de Sousa Bagão

As colectâneas de provérbios são fontes primordiais para o agenciamento do corpus lexical de uma língua. Dão testemunho de uma tradição oral, remota, persistente e pluralizada na sua exercitação quotidiana. A oralidade dos provérbios é uma condição não desprezível na elaboração lexicográfica. Os testemunhos da língua oral constituem uma referência e um campo de pesquisa de mais difícil acesso do que o património escrito, fonte natural dos dicionaristas. As palavras faladas alargam e completam o universo do conhecimento lexical.

Além disso, os provérbios são polifónicos, e polissemânticos, suscitam múltiplos efeitos de sentido, enriquecem a reflexão filológica e oferecem geralmente meios de autodescodificação. Por isso foram tomados por muitos lexicógrafos como um importante recurso de atestação e de textualização exemplar, complemento da definição.

Finalmente, o adagiário recobre um amplíssimo universo semântico que abrange todo o quadro da enunciação moral e moralizante, e ainda o vasto campo da vida quotidiana.

Os provérbios dizem toda a largueza do mundo e por isso, formam um texto de grande sequência acumulativa que, na sua fixação escrita se aproxima da configuração do dicionário. Os índices de frequência estatística do hipertexto proverbial parecem apontar para um espectro de dispersão bastante mais amplo do que os que habitualmente se verificam nos textos da escrita comum, funcional ou literária.

Dos adágios portugueses integram-se no CLP todos os que foram publicados em recolhas sistemáticas e oferecem um lastro de informação lexicográfica densa e abundante.

Breve panorama da paremiologia portuguesa

Prática da literatura universal, componente assídua do universo do quotidiano, estrutura rítmica que, de imediato, se inscreve na memória, o adágio desperta o interesse dos eruditos há séculos.

Ao contrário do que tem sido a regra com as memórias literárias europeias, completando e enriquecendo, no seu afã de recolha e divulgação sistemáticas de adágios e provérbios em língua vernácula, um capítulo fundamental do seu corpus lexical e lexicográfico, a literatura paremiológica em Língua Portuguesa conheceu esporádicos momentos de edição, não havendo recolhas organizadas anteriores ao trabalho inaugural de António Delicado (1651). Poderão, decerto, ter existido colectâneas manuscritas, de que acabou por não nos chegar memória.

Não pode em todo o caso concluir-se que a matéria paremiológica e gnómica tenha interessado pouco os intelectuais portugueses. São conhecidos textos literários e paraliterários que, desde a Idade Média,

apresentam um alargado testemunho de enunciados proverbiais, ou próximos da estrutura do provérbio. Da mesma forma, a sentença, o dito sentencioso, o exemplo, de ascendência bíblica ou colhido na autoridade dos clássicos, foram amplamente utilizados na literatura de feição pedagógico-didáctica *ad usum delphini* ou vocacionada para a formação das elites nobres.

Não obstante a ausência de recolhas exaustivas, a importância do enunciado proverbial encontra-se sobejamente atestada no texto antigo, não só no respeitante ao testemunho literário medieval, mas também humanista, como observa Jean Subirats: «les écrivains de ce temps on légué des collections de dictons et proverbes pris dans la trame vivante de leurs oeuvres»¹, pelo que, sobretudo a partir do séc. XVI, o provérbio parece ganhar acrescido prestígio literário². O registo sentencioso de cunho popularizante reveste-se de legítima autoridade pela caução dos eruditos, como reconhece José Leite de Vasconcelos:

proverbios, ou adagios, que costumaõ andar na boca do vulgo, e este darlhe tanta crença, que lhe chamaõ evangelhos pequenos, como querendo dizer que abayxo, ou depois, do Evangelho não ha cousa mais certa³.

Não só a força do truísmo e a originalidade conteudística dos adágios se encontram reiteradas na sua comparação com «pedras preciosas», como também o cotejo do adágio popular com a mais alta autoridade da palavra teologal e dos escritores da Antiguidade Clássica consagra, igualmente, o insuperável valor dessas breves, por vezes rústicas, mas avisadas parémias. Como relembra Fr. Aleixo de Santo António:

Aristoteles chamou aos adagios, reliquias da antiga philosophia, perdida pellos varios acontecimentos do tempo; o qual ainda que he muito poderoso pêra consumir, & gastar tudo o que alcança, sempre deixa algumas faíscas, que assi chamou tambem o mesmo Philosopho aos Proverbios (...). (...) por que a sentença que não tem hum só a quem se encoste, fica tendo a todos, que por isso se chama vulgar, por que todos & cada hü dos do povo podem tomar pera si a honra de ser o primeiro de quem a sentença teve a sua authoridade; & assi todos a podem amar, & estimar como cousa sua⁴.

De tal forma a legitimação do adágio se impõe, que equivale a uma autorizada sentença, ou não fosse «voz do povo, voz de Deus». Assim, «repetidos con la insistencia de un estribillo los sabios proverbios pasan a

¹ Jean Subirats, *Jorge Ferreira de Vasconcelos. Visages de son Oeuvre et de son Temps*, vol. I, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1982, p. 142.

² *Ibidem*, vol. II, p. 257.

³ José Leite de Vasconcelos, *Ensaio Etnográfico*, vol. I, Esposende, Silva Vieira Ed., 1891-1896, p. 150.

⁴ Padre Frei Aleixo de Santo António, *Philosophia Moral Tirada de Algus Proverbios ou Adagios, Amplificados com Authoridades da Sagrada Escripura, e Douctores que Sobre ella Escreveram*, Coimbra, Tip. Diogo Gomez de Loureiro, 1640 [p. 3].

frases aladas»⁵, fórmulas que cristalizam preceitos morais e cívicos, referendadas pelo seu carácter ancestral, reconhecidas por todos aqueles que delas se servem como *auctoritates*. Síntese mínima, plena de sabedoria e verdade consensuais – se bem que remetendo para uma mundividência distante da nossa, que de imediato poderá questionar tal consensualidade–, o provérbio difere da linguagem comum em virtude da sua inata originalidade engenhosa, próxima do *mot d'esprit* que lhe confere capacidade para persuadir, convencer e deleitar, permitindo ainda efeitos de ornamentação discursiva. Serão estas razões suficientes para que

los varones más ilustres no consideraron el conocimiento de los adagios como cosa de poca monta, y creo que la prueba de que los autores de mayor renombre no estimaron indignos de los adagios, está em la cantidad de volúmenes em que diligentemente los editaron. (...) Tampoco es leve argumento que entre los buenos autores era más sabio y elocuente el que salpicaba sus libros com el mayor número de adagios⁶.

Frequentemente, encontramos a intercalação do adágio no corpo do discurso por meio de expressões com função introdutória, através das quais se confirma o prestígio, a vertente oral e a popularidade destes ditos. Atentemos em alguns exemplos, retirados de textos antigos⁷:

— nos cantares trovadorescos, encontramos «e por én diz o verv'antigo», «ouç'eu dizer Un verv'aguis[a]do», «este verv'antigo [e] verdadeiro»;

— em Jorge Ferreira de Vasconcelos, entre outros, «como diz o exemplo»;

— na dramaturgia vicentina, «Cá dizem», «Diz lá o exemplo velho» (ou «da velha»), «Diz o exemplo antigo»;

— nas narrativas de Gonçalo Fernandes Trancoso, «diz bem o rifão», «Todos os refões são quasi sentenças, por amor d'aquelle que diz»;

— em Sá de Miranda, «Bem disse o bom sengo antigo», «Lembra-te de um dito antigo», «Nunca eu ouvi um rifão/ Mais sabido e mais usado»;

— em António Prestes, «Dizem lá verbos antigos», «como lá diz o rifão», «um rifão que de certo creio»;

⁵ É o que afirma Eugenio Asensio, na introdução da *Comedia Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, editada em 1951 em Madrid, p. XXVII.

⁶ Ramón Puig de la Bellacasa, *Erasmus de Rotterdam. Adagios del Poder y de la Guerra y Teoria del Adagio*, Valencia, coedição Pre-Textos/ Biblioteca Valenciana, 2000, p. 73-74.

⁷ Recolhidos das obras de José Ruivinho Brasão, *Os provérbios nos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Estudo Paremiológico e Recolha de Textos*, Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993, p. 42, 44, 72; de Teófilo Braga, «Adagiário Português (Coligido das fontes escritas)», *Revista Lusitana*, Vol. 17 e 18, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1914-1915, p. 51 a 62; e de Sousa Viterbo, «Subsídios para a Formação do Refraneiro ou Adagiário Português», *Portugalia. Materiaes para o Estudo do Povo Portuguez*, tomo I, fasc. 3, Porto, Imprensa Moderna, 1901, p. 12.

— em António Ribeiro Chiado, «Como diz lá o rifão», «Como dizem», «já sabeis», «diz o dito velho», «Bem dizem», «crêde». ⁸

O que, não obstante, parece incontestado é a validade do adagiário, que permanece vivo na memória dos povos, sem que a erosão do tempo desvirtue a verdade essencial de grande parte das parémiias.

Procuremos, então, enunciar, em breve cômputo diacrónico, a trajectória do adagiário português, anterior à recompilação editada por Francisco Rolland, em 1780. Para o fazer, revisitámos os detalhados estudos de José Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga, Fernando de Castro Pires de Lima e José Mattoso, acrescidos de outros, igualmente esclarecedores⁹, que, em conjunto, permitem evidenciar os antecedentes das recolhas fundamentais de António Delicado e Bento Pereira.

Os Cancioneiros Medievais reúnem os cantares trovadorescos de amigo, de amor, de escárnio e maldizer, em cujos versos aparecem reproduzidos alguns adágios. Entre outros, os trovadores inserem, nas suas coblas, os seguintes exemplos de «ver'antigo», que permanece «aguís[a]do» e «verdadeiro»: «A boi velho non lhi busques abrigo», «Quan lonje d'olhos tan lonje de coraçõ», «De longas vias, mui longas mentiras» ou «Quen pergunta non erra», de modo a ilustrar ou consolidar algumas mensagens de teor satírico ou sentimental. Dão igualmente testemunho da importância do texto sentencioso, do exemplo (como sinónimo de provérbio¹⁰), a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, e a narrativa de edificação – próxima da tradição dos *specula* – dos príncipes de Avis. Inventaria José Mattoso os exemplos «Tu bom e eu bom, quem tangerá o asno?», «Quen serve o comum nan serve nenhum», em Fernão Lopes; «Antes de jeito – conselho. E depois esforço», «Quem teme a morte, perde o prazer da vida», no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte.

⁸ Atentos aos esclarecimentos de Ramón Puig de la Bellacasa (*op. cit.*, p. 95), verificamos que, de igual modo, já os autores greco-latinos aconselhavam a utilização de fórmulas para introduzir no discurso as parémiias, para «*suavizar los adagios anticipadamente*», tais como «*ségun el proverbio*», «*como afirman*», «*a lo que dice*», «*como se suele decir*», «*como afirma el antiguo dicho*», «*como dicen*», «*como se dice*», «*para decirlo con un proverbio*», «*como se dice humorísticamente*», «*bien se ha dicho*». Los latinos se sirven poco más o menos de las mismas fórmulas: (...) «a la manera del viejo proverbio», «como se dice en lenguaje vulgar», «de la forma en que acostumbra a decir el vulgo», «para usar una vieja expresión», «como se ha dicho en el adagio», «em verdad se dice». A propósito dos exemplos retirados dos autores portugueses, atente-se nos adjectivos de valoração positiva, que atribuem ao enunciado proverbial uma autoridade incontestável, baseada na certeza da verdade que encerram, na sua longa existência e na aceitação unânime (antigo, aguisado, verdadeiro, velho, bom, sabido, usado).

⁹ Os estudos consultados encontram-se referenciados na bibliografia final do presente trabalho. Acrescentamos, também, os trabalhos de Aubrey Bell, Landislau Batalha, Valeria Tocco, Nair de Castro Soares, B. M. Teensma, e os já citados de Jean Subirats e Eugenio Asensio.

¹⁰ Márcio Ricardo Coelho Muniz, *O Leal Conselheiro, de Dom Duarte, e a Tradição dos Espelhos de Príncipes*, Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, 2003, p. 51.

Ao longo do século XVI, no panorama da produção literária e paraliterária, torna-se acrescidamente visível a atenção dedicada aos enunciados paremiológicos e gnómicos. A comprová-lo, o extenso manancial que encerram as obras de Gil Vicente e de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Muito sinteticamente, dos autos e farsas vicentinos podemos retirar os conhecidos «Se sempre calares, nunca mentirás», «Quem não mente não vem de boa gente», «Quem porcos acha de menos/ Em cada moita lhe roncam», «Em tempo de figos/ não há hi nenhuns amigos», «Não se tomam trutas/ a bragas enxutas», ou «Pobreza e alegria/ nunca dormem numa cama». Por sua vez, Jorge Ferreira de Vasconcelos idealiza três peças (*Comédia Eufrosina*, que foi objecto de sucessivas reedições e traduções; *Comédia Olissipo*; e, em 1617, *Auleografia*), cuja popularidade acabaria por concorrer para a sólida projecção do texto adagial em Língua Portuguesa, visto que, mormente na *Comédia Eufrosina*, «o diálogo entre as personagens contém tal número de refrões, que pode esta excelente comédia figurar sem grande esforço num catálogo paremiológico»¹¹. Com estrutura semelhante, Francisco Manuel de Melo criava a sua *Feira dos Anexins*, editada postumamente, em 1875.

Ainda no século XVI, relembramos os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, os *Letreiros Sentenciosos* e os *Avisos para Guardar*, de António Ribeiro Chiado, sendo que a Francisco de Sá de Miranda também não foi alheio o valor do texto proverbial. Nos *Ditos da Freyra*, Joana da Gama reuniu alguns ditos e sentenças, agrupando-os com base em conceitos-chave.

A opinião avisada de José Leite de Vasconcelos, convocada por Fernando de Castro Pires de Lima, esclarece que «a mais remota colecção de provérbios portugueses se acha incluída nos *Refranes o Proverbios em Romance*», da autoria de «Hernán Nuñez e publicada pelo seu discípulo Leon de Castro, já depois do Mestre ter falecido, em 1555»¹².

Acrescentaríamos a esta breve recensão o trabalho de João Vaseu sobre a colecção de adágios de Erasmo, *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus* (1549), que teve grande projecção enquanto texto didáctico. Mais tarde, novamente os quatro mil adágios de Erasmo de Roterdão mobilizam a atenção de Jerónimo Cardoso, que os insere, agora em versão portuguesa, no *Dicionário Latino Português*, «dando origem à mais importante interferência do adagiário na lexicografia

¹¹ Fernando de Castro Pires de Lima, *Adagiário Português (Contribuição para o seu Estudo Sistemático)*, Actas do “Congresso Internacional de Etnografia”, Lisboa, 1965, p. 424.

Na edição de 1919 desta comédia, já figurava um anexo que incluía um levantamento de 639 adágios, elaborado por Aubrey Bell.

¹² Fernando Castro Pires de Lima, *ibidem*, p. 418. Também Eugenio Asensio confirma que a obra do comendador Hernán Nuñez «es la más caudalosa colección de proverbios portugueses de la época, más copiosa que las obras de Gil Vicente y que el *Espelho de Casados* de J. de Barros». Cf. Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comedia Eufrosina* (edição, prólogo e notas de Eugenio Asensio), Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1951, p. XXIX.

portuguesa»¹³. Cerca de quarenta anos depois, Agostinho Barbosa apresenta no seu *Dictionarium Lusitanico-Latinum* uma colecção de adágios, considerada novamente por José Leite de Vasconcelos como a primeira efectivamente levada a cabo e publicada em Portugal.

Os enunciados sentenciosos revelaram a sua *utilitas* retórica e didáctica nos tratados vocacionados para a educação dos futuros governantes, para quem se encontra reservada uma vida plena de responsabilidades, bem como para a formação dos nobres e homens da corte, que estariam em contacto directo com o príncipe¹⁴, exaltando os valores da lealdade, isenção e altruísmo, da sábia gestão do poder e dos interesses políticos. Na tradição da literatura *ad usum delphini*, incluem-se as *Sentenças para a Ensinança e Doutrina do Príncipe D. Sebastião*, de André Rodrigues de Évora, obra que gozou de ampla projecção com as sucessivas edições ao longo de cinquenta anos, aproximadamente, em Paris, Lião, Veneza e Colónia; e, no dealbar do século XVII, as *Sentenças de Dom Francisco de Portugal, Primeiro Conde do Vimioso. Deregadas á Nobreza deste Reyno*, intituladas também, de acordo com os manuscritos analisados por Valeria Tocco, *Proverbios do Conde do Vimioso o Velho*.

Em 1640, P. ° Fr. Aleixo de Santo António recenseava trinta e um adágios, que analisou à luz da Sagrada Escritura, concedendo-lhes uma explicação e amplificação exegética de teor religioso: a *Philosophia Moral Tirada de Algus Proverbios ou Adagios, Amplificados com Authoridades da Sagrada Escripura, e Douctores que Sobre ella Escreveram* vinha, então, a lume em Coimbra.

Na segunda metade do século XVII, o fundo didáctico de apoio ao ensino dos jesuítas e algumas bibliotecas ver-se-iam finalmente enriquecidas – e, inequivocamente, também o património literário português – com os trabalhos de recolha e compilação de António Delicado e de Bento Pereira, respectivamente, os *Adagios Portuguezes Reduzidos a Lugares-Comuns*, em 1651, e *Dos Principaes Adagios Portuguezes, com seu Latim Proverbial Correspondente*, em 1655 (com posteriores edições inseridas na *Prosodia in Vocabularium Bilingue Latinum, et Lusitanum*).

¹³ Telmo Verdelho, *As Origens da Gramatologia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995, p. 297.

¹⁴ *Espelho de Cristina*, edição portuguesa da obra quatrocentista *Proverbes Moraux*, de Christine de Pisan, actualiza no feminino a literatura especular, tendo como destinatárias rainhas, princesas, grandes senhoras e donzelas da corte (mas não descurando burguesas e mulheres do povo).

ADAGIOS,
PROVERBIOS, RIFÃOS,
E
ANEXINS
DA
LINGUA PORTUGUEZA,

Tirados dos melhores Authores Nacionaes,
e recopilados por ordem Alfabetica.

POR
F. R. I. L. E. L.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1780.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Nos primeiros vinte anos do século XVIII, no seu copioso *Vocabulário portuguez-latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos*, o P. ^e Rafael Bluteau também contempla os adágios e provérbios portugueses, os quais, em 1780, constituiriam a principal fonte da colectânea de Francisco Rolland, por este intitulada *Adagios, Proverbios, Rifãos, e Anexins da Lingua Portuguesa, Tirados dos melhores Authores Nacionaes, e recopilados por ordem Alfabética por F. R. I. L. E. L.*, ou seja, pelo próprio Francisco Rolland, dado que a sequência acrográfica corresponde precisamente a «Francisco Rolland Impressor-Livreiro em Lisboa»¹⁵.

Entre outros títulos reveladores da atenção concedida ao texto proverbial, que despertaria um interesse crescente ao longo do século XIX, poderemos destacar a reedição revista e aumentada do adagiário compilado por Rolland (em 1841); as várias edições da *Collecção de Pensamentos, Maximas e Proverbios*, do Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos, a partir de 1845; a edição brasileira de Paulo Perestrelo da Câmara, *Collecção de Proverbios, Adagios, Rifãos, Anexins, Sentenças Moraes e Idiotismos da Lingoa Portuguesa*, em 1848. Pina Manique, por seu turno, exprimiu o seu interesse pela matéria paremiológica no seu *Ensaio Phraseologico, ou Collecção de Phrases Metaphoricas, Elegâncias, Idiotismos, Sentenças, Proverbios e Annexins da Lingua Portuguesa*, datado de 1856. A estes títulos podemos acrescentar, de autor anónimo, as *Maximas, Conselhos Moraes, Pensamentos, Memorias, Sentimentos Nobres e Proverbios, Collegidos e Recopilados por um alumno do real Collegio de S. José de Macao*, no ano de 1863. Em 1882, a editora David Corazzi integrava a *Philosophia Popular em Proverbios* nos títulos da colecção «Bibliotheca do Povo e das Escolas». Rafael Bordalo Pinheiro associou a sua perícia de ilustrador e caricaturista a quarenta e uma conhecidas *Phrases e Anexins da Lingoa Portuguesa: Album de Caricaturas* (1876).

O *corpus* paremiológico em Língua Portuguesa consolida-se inequivocamente com os sistemáticos trabalhos de estudo, recolha e divulgação levados a cabo por Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Sousa Viterbo e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que ainda hoje constituem, em grande medida, monumentos de investigação de referência.

Ao longo do século XX, sucederam-se as publicações de recolhas e recompilações de adágios, algumas das quais foram objecto de várias reedições. Também ao nível local e regional se tem vindo a proceder a recolhas de provérbios populares, que, deste modo, mantêm viva a memória literária e contribuem para o enriquecimento do fundo cultural nacional.

De entre inúmeros títulos, poderão ser destacados os seguintes: *Bíblia da Vida: Dicionário de Citações e Provérbios*, de Moraes Leal; *Rifoneiro Português*, de Pedro Chaves (1928); *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*, de Jaime Rebelo Hespanha (1936); *Nova Recolha de Provérbios e Outros Lugares Comuns Portugueses*, de Fernando Ribeiro de Mello (1974, com três edições); os *Mil Provérbios Portugueses*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1986); na década de 90, as compilações *1001 Provérbios, Adágios e Ditos Populares*

¹⁵ O esclarecimento é fornecido por Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, Volume III, 1862, p. 50.

Portugueses, de A. Ferreira (em 1995), os *Provérbios Portugueses*, de António Moreira (1996, contando já com cinco edições), *O Grande Livro dos Provérbios*, de José Pedro Machado (1996), o *Dicionário Universal de Provérbios Portugueses* (1999).

Mais recentemente, foram dados à estampa o *Dicionário de Provérbios Portugueses*, de João J. P. Rato, e os *300=300 Provérbios*, de Fernando Pessoa (com notas e fixação de texto de Orlando Silva), ambos em 2000; *O Livro dos Provérbios Portugueses*, de José Ricardo Marques da Costa (1999, com edição revista e ampliada em 2004); *O Livro dos Provérbios*, reunidos por Salvador Parente (2005). Algumas editoras, cujo nome se associa frequentemente à publicação de material didáctico-pedagógico, disponibilizam também o *Dicionário de Provérbios: Adágios, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas* (Porto Editora, 2000) e os *Provérbios Populares Portugueses* (Texto Editora, com 3ª edição em 2001).

A tradição de António Delicado e de Bento Pereira

Se se considerar o ponto de vista dos três primeiros compiladores a efectivar em Portugal a edição do texto proverbial português, nos séculos XVII e XVIII – António Delicado, Bento Pereira e Francisco Rolland –, conclui-se que o interesse com que se debruçaram sobre esta área da cultura e do saber tradicional corresponde a posicionamentos críticos distintos. O cotejo dos textos de carácter prefacial permite extrair algumas conclusões nesse sentido.

O volume dos *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares-Comuns*, do padre António Delicado, obtém as necessárias licenças de publicação ao longo do ano de 1651. O compilador desempenhou funções ligadas ao culto religioso, numa paróquia situada em Évora. Portanto, a compilação destinar-se-ia sobretudo a ser lida por mestres e alunos, desempenhando finalidades didáctico-formativas e doutrinárias.

Das palavras que abrem este adagiário em língua portuguesa, explicitamente dirigidas «Ao Leitor», destaca-se a confirmação do valor sentencial dos adágios, cujo intrínseco carácter doutrinal e moralizante se encontraria validado pela experiência humana¹⁶. Refere ainda que estas «aprovadas sentenças» foram objecto de registo escrito por parte de antigos filósofos, e «sobre todos el-Rei Salomão» (p. V), para que se mantivessem na memória dos povos; também vários autores modernos, «sobre todos o padre Martim Del Rio», procederam a recolhas. Neste sentido, de igual modo Delicado enceta a tarefa de coligir os adágios portugueses, reunindo-os em volume; no entanto, a sua profusão ditou a selecção «somente [d]aqueles que para a decência e utilidade publica me pareceram mais aprovados», antepondo ao trabalho a sua faculdade judicativa. Portanto, o compilador posiciona-se criticamente em relação ao universo paremiológico, filtrando o que, no seu entender, mais consentâneo se revela com os objectivos

¹⁶ António Delicado, *Adágios Reduzidos a Lugares-Comuns*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

formativo-pedagógicos do seu adagiário. No segundo parágrafo deste breve texto introdutório, averbada a dificuldade em definir cabalmente o conceito de adágio, em virtude da diversidade da sua origem, enuncia os dez princípios «donde os Proverbios nasceram» — os quais serão citados por alguns paremiólogos dos séculos subsequentes¹⁷. Seguidamente, o padre jesuíta reitera a dificuldade em distinguir mesmo «os ditos dos Adagios e sentenças, ou pelo contrario»; não obstante, e com o intuito de não inibir a sua recolha, «mais vale meter aqui alguns Adagios licenciosamente, que deixar por escrúpulo os que na verdade o são, antepoendo o proveito publico a rigorosa censura de Marco Anton». Finaliza, então, com a justificação da organização dos adágios por lugares-comuns, a qual se perspectiva em função dos interesses dos leitores: «com facilidade se acharão sobre qualquer matéria, grande numero de conceitos, de conselhos, de doutrina de experiência». A consulta do livro será útil «não só para cousas particulares, mas para importantes discursos em pensamentos maiores».

Como sentença revestida de autoridade inequívoca, o adágio é não só factor de enriquecimento da língua portuguesa, como estrutura de ornamento do discurso culto, mas essencialmente veículo de doutrinação e de ensinamento, de feição moralizante — factores que António Delicado insiste em enfatizar no início e no final da sua breve advertência «Ao Leitor». Por conseguinte, os adágios veiculam normas de actuação social cristalizadas, cuja observância é fundamental para a manutenção da ordem harmoniosa que deve assistir ao perfeito funcionamento dos estados. A perspectiva do compilador orienta-se por princípios que contemplam a formação intelectual e a formação espiritual, sendo a sua recolha um instrumento de grande utilidade para o bem comum.¹⁸ Contudo, a sua leitura estaria confinada a um reduzido número de letrados, talvez associados ao ensino formal ou informal.

Bento Pereira era um pedagogo e foi também um dos mais importantes dicionaristas da memória linguística portuguesa. O enquadramento editorial da sua colecção era condicionado por uma finalidade essencialmente pedagógica e lectiva, bem distinta da finalidade prosseguida por António Delicado. E quanto aos objectivos, ainda que concordantes no que respeita ao ideal motivador, orientavam-se para um público e um plano de acção bem identificados e muito distantes do horizonte de recepção previsto pelo pároco alentejano. Bento Pereira coligiu os textos proverbiais para serem utilizados como recursos de exercitação escolar no âmbito da aprendizagem do latim.

A recolha *Dos Principaes Adagios Portuguezes, com o seu Latim Proverbial* surge na edição de 1655 do *Florilégio dos Modos de Fallar, e Adagios da Lingoa Portugueza...*; uma segunda edição integra-os na *Prosódia*, em 1661 e, em anos

¹⁷ A título exemplificativo, refira-se Jaime Rebelo Hespanha, *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*, Lisboa, Procural Editora, 1936.

¹⁸ Guilherme Martins Canelha Ribeiro †, *Uma Leitura dos Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares-Comuns, de António Delicado e Edição Crítica*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses apresentada ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Aveiro, 1999, p. 54 a 67.

subsequentes, o adagiário de Bento Pereira será sempre editado em conjunto com esta obra.¹⁹

O *corpus* seleccionado não beneficiou de uma existência desimpedida, e não pôde ser usado numa circulação lectural autónoma como o adagiário de António Delicado. Ficou sujeito ao público do dicionário e ao trânsito escolar e circum-escolar. Mas, em contrapartida, beneficiou de mais de uma dezena de reedições e, cumprindo a sua missão didáctica²⁰, repercutiu-se num público numeroso e disciplinado. Foi certamente muitas vezes objecto de memorização e deve ter-se repercutido na aprendizagem do vocabulário de muitos milhares de estudantes e provavelmente também na sua configuração moral e mental²¹.

Um breve texto dirigido «Ao Curioso Leitor» assume a função de prefácio. Aí, Bento Pereira enuncia sinteticamente os motivos justificativos do seu trabalho: em primeiro lugar, pretende contribuir para a «mayor gloria de Deos», e só depois contempla «o proveito da mocidade & a honra da lingua Portugueza»²². Como projecto conglobante, orientado pela necessidade de criar um instrumento de base para o ensino e para a correcta aprendizagem de dois idiomas — o português e o latino —, considera que «o corpo da eloquência he a frase». Considera ainda que o latim é um veículo linguístico preferencial no processo de aquisição de conhecimentos. Por essa razão, «se o trabalho da Prosodia, & Thesouro serve a todos de compor Latim & Portugues certo, este servirá de o comporem elegante».

Ambos os trabalhos que antecedem a colectânea de Francisco Rolland (saída do prelo mais de cem anos depois) confinam os adágios a práticas de uso num contexto meramente retórico e escolar, circunscrito a

¹⁹ João Henriques Fidalgo Lopes da Silva, *Dos Principaes Adagios Portuguezes, com seu Latim Proverbial Correspondente, de Bento Pereira. Leitura Crítica e Edição*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses apresentada ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 1999, p. 23.

²⁰ «Preocupações didácticas terão presidido à organização deste dicionário português-latino. Apresentamos três indícios: as palavras cognatas, a derivação prefixal e sufixal e as frases feitas. (...) Os modos de dizer próprios de uma comunidade linguística são ferramentas importantes para os aprendizes e utilizadores de uma língua, porque as frases feitas, de certo modo clássicas, podem ser apresentadas como modelos à mão de semear para a aprendizagem, mecanização e interiorização, por exemplo, das estruturas sintácticas da língua». Cf João Henriques Fidalgo Lopes da Silva, *op. cit.*, p. 18.

²¹ «E sendo assim uma obra tão divulgada e tão indispensável no municiação cultural das gerações política e culturalmente predominantes, durante a segunda e a primeira metade dos séculos XVII e XVIII, respectivamente, é oportuno observar o seu peso informativo e a capacidade de veicular, ainda que de modo não ostensivo, uma mensagem doutrinária e de insinuar uma ordem espiritual e política.». Cf Telmo Verdelho, «Historiografia Linguística e Reforma do Ensino. A Propósito de Três Centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal», Separata de *Brigantia, Revista de Cultura*, Vol. II, nº 4, Out. -Dez. 1982, p. 19.

²² Bento Pereira, *Florilegio dos Modos de Fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa: Dividido em duas Partes... Dos Principaes Adagios Portuguezes, com seu Latim Proverbial Correspondente*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1655.

um público especializado, que do seu conhecimento retirará sobretudo regras para aprimorar a construção sintáctica, em trabalhos académicos e, posteriormente, no débito argumentativo sob a forma de sermão morigerador.

Sendo uma das recolhas da autoria de um padre jesuíta, natural se torna que as desvantagens para a circulação da mesma se fizessem sentir devido à proibição da reprodução e uso do manual didáctico ou de obras com a chancela da Companhia de Jesus, durante o reinado de D. José, consequência da perseguição geral movida aos jesuítas, que detinham efectiva autoridade na educação em Portugal.